



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Garcia da Orta e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas;—*Os amores de Luiz XV*, por Alberto Pimentel;—*Os excêntricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*Dedução mythologica*, soneto, por Alves Crespo;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Typos de Lisboa (O Martinho de Arroyos)*, por Alfredo Gallis;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*No Algarve*, por Lorjô Tavares.

GRAVURAS:—*General Talaya*;—*Ruiz Zorrilla*;—*Amor de mãe*;—*Egreja de S. Vassali, na praça Vermelha, em Moscow*;—*Visconde de Sissello*.

CHRONICA

A febre dos pronunciamentos vae alastrando, e já passou dos dominios d'Affonso XIII, o pequenino rei de Hespanha, para os territorios do Gungunhama, o negro e bravio potentado das visinhanças de Inhambane.

Até a pretalhada quiz fazer o seu pronunciamentosinho. Vejam o enorme poder da civilização hodierna, e a influencia que o jornalismo europeu exerce no espirito das gentes africanas.

Gungunhama, um regulo aventureiro, successor do Muzilla, leu nas gazetas da Europa a historia da ultima sedição de Madrid, e sentiu, na sua



GENERAL TALAYA

alma negra, pruridos de imitar o branco de Hespanha.

Não se pronunciára Villacampa com meia duzia de soldados e um cabo? Pois tambem elle quiz pronunciar-se, á frente de trinta mil watuas fieis, contra a soberania portugueza. No caso de ver malograda a sua tentativa revolucionaria, o mais que podia succeder-lhe era ser deportado para a Europa, por isso que na Africa já elle estava, e os governos portuguezes não seriam tão idiotas que o degredassem para o seu proprio paiz.

Provavelmente, internal-o-iam em Portugal, com domicilio em Lisboa. Uma delicia! Poderia, pelo andar dos tempos, vir a ser ministro da guerra, amanuense do Tribunal de Contas, ou regedor de parochia. Filiar-se-ia no partido progressista; vestiria do Nunes algibebe; iria a S. Carlos, ao Chalet da rua dos Condes e ao Collyseo; teria carruagem da Companhia, guarda á porta, ajudantes de campo e farda rica de general, com *macarões* de oiro nos hombros... Uma frescata, um deslumbramento, um *pagode!*

Quando o flagelasse a nostalgia da patria, o famoso regulo distrair-se-ia dando á perna nos bailes da rainha Jacintha, ou pediria ao Valdez que lhe servisse a *Africana* com pretalhada authentica.

E foi, de certo, pensando na vidinha alegre que o esperava, na vida bohemia do Chiado, nos ocios da Havana, nas cavaqueiras do Gremio, na Theodorini, na batota e nas bebidas de guerra, que o Gungunhama se pronunciou, á frente dos seus 30:000 watuas côr de pós de sapatos. Que se pronunciou, não digo bem: que fingiu rebellar-se contra a nossa authoridade e dominio em Moçambique, na expectativa d'um degredosinho providencial para Lisboa, a formosa Lisboa dos seus sonhos de regulo que se preza, de regulo *comme il faut*.

De mais sabe o governo isto.

E se não estivesse farto de o saber, se realmente percebesse no patusco Gungunhama propositos hostis, de que lhe serviria agora enviar a Moçambique uma corveta de guerra, parodiando o protagonista do *Trovador*?

Mas o que te interessam a ti estas rebelliões na Africa portugueza, a milhares de leguas do *beton* da Avenida, para onde Cascaes começa a bolsar as suas mais elegantes banhistas, as suas povoadoras gentis, as notas alegres dos seus passeios, dos seus *pic-nics*, das suas caçadas? O que te importa a ti saber se um regulo negro e feio, de carapinha indomavel e beiços hediondos, nos declara guerra, a distancias incommensuraveis, lá para as bandas do infinito?

Agora, o que mais te interessa é S. Carlos.

Bem te vi lá, attrahida pela orchastração portentosa e luxuriante da *Gioconda*. Vestias de preto,—a tua côr predilecta,—com essa distincção suprema que encanta. Eras toda ouvidos, percebia-se que estavas sedenta de musica. Quando o Mancinelli empunhou a sua batuta prodigiosa, que tem o condão de arrancar effeitos novos e estranhos á alma dos violinos, pareceu-me ver-te estremecer, sob as rendas negras da tua *toilette* severa. Comprehando esses estremecimentos, querida leitora; tambem eu os tive, e os meus nervos são, por certo, muito menos excitaveis.

Encantador o aspecto da sala; encantador e festivo. Houve quem não gostasse da luz electrica. Talvez tenham razão. Põe uns tons pallidos e tristes no teu rosto sempre tão alegre. Faz lembrar vagamente a luz das camaras mortuarias, incidindo sobre as faces d'um cadaver.

Aqui e ali, por toda a parte, nas cadeiras e na geral, amigos velhos que a Chronica não via ha muito, por quem já sentia fundas saudades. La estavam; o ba-

rão da Regaleira, o José Carlos, o visconde d'Alverca, o José Barreiros, o Gouvêa, o Pinto Coelho, o Ferraz de Miranda... todos elles com a epiderme do rosto e das mãos crestada pelo sol das praias, pelo ar do mar, côres sadias, riso franco e jovial, aspecto alegre e feliz de quem se deu muito bem lá por fóra, de quem trouxe o sangue mais vermelho e o espirito mais despreocupado. Quasi todos anafados, rejuvenescidos, contentes.

Fiz a contagem d'aquelles bons companheiros. Só faltava um, o José Palha. Causou-me pena olhar para a sua cadeira, d'onde tantas vezes partira um dito alegre, em meio da aria da calumnia, do *Barbeiro*, ou do còro dos velhos, do *Fausto*.

O José Palha! Que de recordações o nome d'este morto de hontem evoca ao nosso espirito!

Todos os cantores d'ambos os sexos o conheciam e estimavam, pela sua bondade quasi infantil. Quando algum d'elles não confiava no proprio merito, ia ter com o *sympathico* velho-rapaz, e pedia-lhe misericordia.

A' noite, nos corredores, José Palha abeirava-se de nós, contava-nos uma historia triste, que nos dispunha a favor do artista medroso, pedia-nos, quasi por entre lagrimas, que não fossemos severos, que nos mostrassemos clementes e compassivos.

Tratando-se d'uma mulher, impingia-nos sempre que ella abraçara a arte para sustentar a familia, vinte irmãos, e paes enfermos... coitadinhos!

Se se tratava d'um barytono ou d'um tenor de refugio, jurava-nos, por tudo quanto havia, que o pobre homem recebera n'aquella mesma noite d'Italia uma noticia desagradavel; que lhe morrera a esposa sobre parto; que não podia, por isso, cantar bem, o infeliz!

E as suas historietas, embora nos não convencessem, sortiam quasi sempre o effeito desejado.

Quantas reputações lyricas se fizeram entre nós, á sombra d'aquelle coração de ouro! Quantas!

Mas eu estou a fazer chronica retrospectiva, agora reparo, e ainda te não fallei de Helena Theodorini, das trmãs Stahl, do tenor Valero, do barytono Dufliche, d'esse *bouquet* de bravos artistas novos em folha, que o Valdez escripturou muito de proposito, para nos indemnizar do mau successo da *Gioconda* na epoca passada, e que nos deram, não um arremedo chinfrim da musica de Ponchielli, mas o *spartito* genuino e authentico do magrado compositor, com todas as suas bellezas, com todos os seus formosissimos trechos d'uma suavidade e d'uma poesia encantadoras.

Pois, decididamente, não fallo de nenhum d'elles, que esta palestra já vae longa, e o que eu desejaria dizer da Theodorini, só da Theodorini, d'aquella alma d'artista illuminada pela scintella do genio, não cabe nos limites d'uma pagina, não pode inscrever-se no final d'uma chronica ligeira.

Imagina tu o que possa haver de mais dramatico e apaixonado, de mais arrebatador e impressivo; idealisa uma voz fresca, vibrante, limpida, deliciosa, acariciadora, e terás Helena Theodorini, a extraordinaria *diva* em cuja phisionomia se desenham profundamente, com todos os traços, os sentimentos intimos do personagem creado pelo poeta da *Gioconda*; a genial artista que logo ao primeiro *abord*, á primeira manifestação do seu enorme talento, subjogou a nossa platéa indomavel e caprichosissima, com a famosa phrase do soberbo ducto:

«*L'amo come il fulgor del creato*

.....

Ed io l'amo siccome il leone

Ama il sangue,...»

Mas tu ouviste-l'a, como eu, leitora. Para que é pois preciso que eu t'a descreva, que eu te falle d'ella?

GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO

V

Um dos assumptos mais importantes que tem de estudar profundamente quem deliberar e poder escrever a historia das nossas conquistas indianas, ainda completamente ignorada nos seus traços essenciaes, é o das relações dos Portuguezes com os indigenas e com os dominadores arabes que nos tinham precedido. O sr. conde de Ficalho ainda n'esse ponto lustrou um caminho em que não tivera quem seriamente o precedesse. O author d'estas linhas na sua *Historia de Portugal* procurou reduzir, por assim dizermos, a formas positivas as phantasticas narrativas dos nossos chronistas, mas em primeiro logar faltava-lhe o tempo necessario para consultar largamente as fontes da historia indiana, em segundo logar na sua obra vastissima a historia do nosso dominio indiano era um episodio, em que não podia demorar-se extraordinariamente.

O sr. conde de Ficalho é chamado ao estudo do modo de ser das populações da India e ao estudo dos soberanos que encontramos reinando nas terras onde imperámos pelas relações de intima amizade que Garcia da Orta contraio com um dos mais importantes d'esses monarchas—aquelle a quem as nossas chronicas chamam o Nizamaluco.

Aproveitemos o ensejo e as informações do erudito investigador para darmos tambem aos leitores da *Illustração Portuguesa* uma rapida idéa d'alguns d'esses soberanos.

Um dos que mais interessam é de certo Bahádur-Schah, o sultão do Guzarate, que nos cedeu a importante posição de Dio, e que foi assassinado por ordem de Nuno da Cunha.

O Guzarate ou Cambaya fôra uma provincia do imperio musulmano de Dehli. Na decadencia porem do imperio, succedeu na India o que succedera ontr'ora em Hespanha, o que succedese sempre nos paizes musulmanos—os governadores das differentes provincias foram proclamando a sua independencia, e assim prodeu Mozaffer-Khan, a quem succedeu Mahmud-Shah que reinava no Guzarate quando os Portuguezes se estabeleceram na India. A este succedeu Mozaffer-Shah e a este finalmente o nosso conhecido Bahádur-Schah, que recebendo o seu reino já muito augmentado pelas conquistas de seu pae e de seu avô, ainda tratou de o ampliar, e foi isso que o lançou, para sua desgraça, nas mãos dos Portuguezes.

Desejosos desde o principio de se estabelecerem em Dio, os Portuguezes vigiavam constantemente a costa de Cambaya, e como os soberanos d'aquelle territorio se nos tinham mostrado hostis, mantinhamo-nos nós tambem contra elles um estado de hostilidade, que inquietava o commercio de Cambaya, e obrigou Bahádur-Shah, quando a sua séde de conquistas, e os embaraços continentaes que d'ahi lhe resultavam, o levaram a desejar socego no littoral, o obrigou, dizemos, a entrar em negociações com os Portuguezes para conseguir a paz, a troco de algumas concessões, das quaes a principal foi a cedencia das terras de Baçaim, riquissimo presente que bem podemos avaliar agora, quando nos lembrarmos de que a parte minima d'esse territorio que se nos concedia era a ilha de Bombaim, hoje um dos grandes centros do dominio britannico e um dos emporios do seu commercio.

Acontecen porém que, emquanto Bahádur Shak se preparava para subjugar as suas provincias rebelladas, e para as acrescentar com mais algumas conquistas sobre os visinhos, se encontrou de subito em conflicto com a grande e recente potencia da India—o imperio do Grão-Mogol. Quinze ou vinte annos antes, em Dehli, o centro de um imperio decadente que se ia desfazendo aos bocados, estabeleceu-se um imperio florescente—o Imperio dos Mogoos, fundado por Báber, o grande conquistador da India. O filho de Báber, Humayum, pensara em ampliar para oeste o seu imperio, e Bahádur achou-se de subito diante de um poderoso e terrivel contendor.

Fraco e timorato, Bahádur julgou-se perdido, fugio a unhas de cavallo, e não parou senão no littoral, onde se lançou nos braços dos Portuguezes, como unicos capazes de o salvarem. Foi então que fez todas as concessões que lhe pediram, foi então que authorisou a construcção da fortaleza de Dio, e tuais daria ainda se Humayum, proseguindo no seu caminho victorioso, se lembrasse de restabelecer completamente a antiga unidade do imperio musulmano, a que o imperio mogol succedera, e de reaver por consequente o perdido Guzarate.

Mas Humayum teve que rec olher-se a Dehli por causa da revolta de um dos seus generaes, e Bahádur, cobrando animo, voltou ás suas intentadas conquistas, acompanhado porém d'essa vez por um corpo de portuguezes, que o proprio Martim Affonso de Sousa commandou, e que Bahádur Schak pedira com repetidas instancias.

Paremos um instante, antes de irmos mais adiante, para lamentarmos deveras que um paiz, como nosso, que tem tão maravilhosa historia, seja exactamente aquelle, cujo passado o menos conhecido e menos estudado. Se fosse a Allemanha, ou a In-

laterra, ou a França que tivesse no seu passado os quadros inexcidivelmente pittorescos que encontramos no nosso, que innumeradas monographias não sairiam todos os annos dos pré-los.

Veja-se por exemplo a existencia de Martim de Affonso de Sousa. Lembrem-se de que é um fidalgo portuguez da Renascença, um erudito, um homem costumado a todas as elegancias cortesãs, que assistiu na côrte de Lisboa aos famosos serões do Paço, que viu representar os autos de Gil Vicente, e que assistiu em Salamanca aos pomposos doutoramentos, e que, depois de ter cavalgado ao lado de D. João III nas caçadas do Alemtejo, se encontra no meio dos jungles indianos, montado n'um bom ginete arabe, ao lado do soberano do Guzarate, cercado de todas as estranhas maravilhas de uma côrte e de um exercito oriental, elle que pouco antes estivera no Brazil virgem e selvagem, resguardando-se cautellosamente das settas dos indios, e contemplando o espectáculo imponente de um mundo novo com as suas insondaveis florestas, e os seus rios caudalosos, elle emfim que estaria logo em seguida perdido no meio do Atlantico, cercado unicamente de vagas sem termo, contemplando maravilhado e attonito a cada instante phenomenos desconhecidos.

E muitas vezes, no meio das suas campanhas indianas ou brazileiras, se lembraria da sua tranquilla casa do Alemtejo, ou dos seus companheiros do Paço, e sentiria uma estranha impressão ao comparar umas com as outras as diversas phases da sua existencia.

N'esta campanha com Bahádur-Shah ha episodios interessantissimos. Garcia da Orta era um dos companheiros de Martim Affonso de Sousa, teve com Bahádur-Shah uma discussão scientifica e Bahádur-Shah provou-lhe doutoralmente que elle não entendia nada de febres, e o nosso Garcia da Orta, á cautella, foi mettendo a viola no sacco e os seus argumentos na algibeira, porque se lembrou logo de que não era para graças aquelle arguente. Pediu mentalmente perdão aos seus doutos mestres de Alcalá de ter assim batido em retirada diante d'este doutor coroadado do Guzarate, mas achou que era muito melhor conservar a cabeça nos hombros do que ganhar uma victoria scientifica sobre o seu adversario. Lá lhe havia de custar, mas calou-se. O proprio Bernardino Antonio Gomes, o intransigente homem de sciencia, que não pôde tolerar de boa mente que o duque de Saldanha mettesse o hedelho em medicina, e respondeu vivamente em varios folhetos ás theses medicas do grande marechal, se fosse Bahádur-Shah que se declarasse homoeopatha, estou que, imitando o seu illustre collega o dr. Garcia da Orta, não hesitaria em reconhecer as maravilhas do systema de Hahnemann.

A expedição terminou sem desastre, graças á habilidade de Martim Affonso de Sousa, mas as tropas de Guzarate Bahádur viu que não se podia fiar n'ellas, e voltou ao littoral, e como o soberano mogol continuava envolto em complicações de revoltas, e por consequente Bahádur estava livre do terror que Humayum lhe inspirava, d'isso logo se resentiram os Portuguezes, porque o sultão de Cambaya começou de si para si a lamentar que tivesse cedido Dio sem absoluta necessidade.

Não é mau termos presente o caracter de Bahádur-Shah quando quizermos apreciar o procedimento que teve com elle Nuno da Cunha. Muitos nos pintam Bahádur-Shah como um rei infantil, que se lançara pedindo protecção e abrigo nos braços dos Portuguezes, e que os Portuguezes assassinaram. Não é assim; Bahádur-Shah era um homem que não fazia concessões aos Portuguezes, senão quando tinha medo de Humayum, e que, logo que esse medo lhe passava, empregava todos os esforços para reaver as concessões que fizera. Este caracter não attenua, mas explica a violencia do procedimento de Nuno da Cunha.

O outro soberano indiano, que Garcia da Orta conheceu intimamente foi o Nizam-el-Mulk, soberano de Ahmednagar. A historia d'este soberano é a seguinte:

O reino do Dekkan reino musulmano, como o de Dehli, foi decaindo successivamente, até que por pouco antes da chegada dos Portuguezes á India as discordias chegaram a ponto que o chefe das tropas estrangeiras, Yusuf Adil-Khan, não podendo conciliar-se com o primeiro ministro, o Nizam-el-Mulk Melik Hassan Bheiry, se insurreccionou com as provincias de Bidjapur e alli se proclamou independente. E' este Adil-Khan o Haldão das nossas chronicas.

Melik-Hassan-Bheiry entretanto era assassinado na côrte do Dekkan, e, como seu filho Ahmed governava algumas provincias, ao saber do assassinio de seu pai, revoltou-se tambem, proclamou-se independente, estabeleceu a sua capital em Ahmednagar, tomou o nome de Nizam-el-Mulk, primeiro, depois de Nizam-Shah, e foi seu filho Buhran o *Nizamaluco* ou *Nizamuzá* com quem os Portuguezes tiveram de tratar, e que se affieçoou tão intimamente a Garcia da Orta, que este ia muitas vezes passar algum tempo na sua côrte, onde se encontrava frequentemente com um renegado portuguez, general de cavallaria do soberano de Ahmednagar, que lá tinha o nome sonoro de Franguipan, e que era simplesmente o sr. Sancho Pires, bombardeiro, e natural de Mattosinhos.

Que curiosa historia!

Ha pouco tempo contestou-se em Lisboa a authenticidade do negro enviado de um regulo negro, porque constava que elle fôra

cosinheiro n'uma terra portugueza, logar que effectivamente entre nós é incompativel com o de embaixador. Que diriam porém estes nossos incredulos patricios, se o Nizam-el-Mulk lhes enviasse como embaixador o seu general de cavallaria Frangui-Khan e n'elle reconhecessem um soldado raso de artilheria, natural de Mattosinhos! Deus do céu, que divertidos discursos no parlamento!

PINHEIRO CHAGAS.

OS AMORES DE LUIZ XV

A infancia de Luiz XV não fazia esperar que elle viesse a ser algum dia o sultão occidental do Parc-aux-Cerfs.

Pelo contrario, as suas ligações de amizade com o bello Tremouille originaram um escandalo publico, que foi preciso reprimir com um exemplo severo, queimando um tal Duchaufour na praça publica de Grève.

—Que crime commetteu este homem? perguntára a madame de Condé sua filha.

E a resposta foi esta:

—Fazia moeda falsa...

Mas a fogueira da praça de Grève allumiára a rasão do jovem rei, e o seu casamento com Maria Leczinska, filha de Estanislau Leczinsky, rei desthronado da Polonia, absolvera plenariamente os peccadilhos da infancia.

O amor da rainha Maria Leczinska enchia toda a alma do adolescente coroado: aos vinte e um annos, Luiz XV era pai de nem menos que cinco filhos legitimos. Mas a rainha não soube conservar o prestigio que exercia no coração de seu marido. Aborrecida talvez da uma prolificidade que a definhava, recusava-se a receber o rei na alcova conjugal. Luiz XV exasperou-se e, n'um momento de colera, protestou que nunca mais *il ne lui demanderait le devoir*.

Pode pois dizer-se que foi Maria Leczinska que empurrou Luiz XV para o abysmo da devassidão em que afundou o resto da sua vida, porque o rei, emquanto a rainha o não repelliu, mostrava-se hesitante deante da facil conquista de muitas damas da sua corte, uma das quaes, madame de Charolais, levou a sua provocação até ao extremo de introduzir na algibeira de Luiz XV uma declaração em verso.

Foi n'uma ceia, realisada a 24 de fevereiro de 1732, que o rei pela primeira vez deu publico testemunho da sua infidelidade marital, brindando á *la maitresse inc nnu*. Comtudo este brinde foi mais uma declaração de guerra á rainha do que uma explosão de amor, porque tendo o duque de Richelieu mettido á cara do rei madame Portail, Luiz XV, enfasiado da aventura, não duvidou uma noite fazer-se substituir por Lugeac no leito da sua ephemera favorita. O cardeal de Fleury não foi a principio mais feliz do que o duque de Richelieu quando procurou fazer com que succedesse a madame Portail madame de Mailly, uma das *meninas de Nests*, com quem o rei se avistou secretamente por varias vezes, sem ousar acceitar as facilidades que lhe eram offerecidas. Mas a insistencia de madame de Mailly venceu finalmente e estas relações amorosas, em que a favorita mostrou sempre um grande desinteresse, duraram nove annos.

A rival de madame de Mailly foi uma das suas quatro irmãs, mademoiselle Paulina de Nesle, mais attraente do que formosa. Recorreu a um meio ardiloso procurando a companhia de madame de Mailly para se aproximar do rei, que se lhe rendeu, tornando-se preciso encontrar dentro de pouco tempo um marido, mr. de Vintimille, que foi realmente um marido accommodaticio. As duas irmãs ficaram possuindo, alternadamente, os favores de Luiz XV. Mas o reinado de madame de Vintimille durou pouco, porque a morte arrebatou-a poucos dias depois de haver dado á luz um *Demi-Louis*.

Ficou só em campo madame de Mailly, a quem a irmã mais nova, madame de Lauraguais, viera acompanhar durante o lucto.

Madame de Lauraguais substituirá para todos os effectos madame de Vintimille.

Havia ainda mais duas *meninas de Nests*: madame de la Tournelle e madame de Flavacourt, que eram as mais bonitas. A primeira era viuva, a segunda tinha o marido no exercito.

Por morte de sua avó madame de Mazarino, acharam-se sem recursos. Madame de Flavacourt, em vez de chorar como sua irmã, tomou o expediente de se metter dentro de uma cadeirinha, que fez conduzir até Versailles. Ahi, abandonada a cadeirinha, o duque de Gesvres, reconhecendo madame de Flavacourt, correu a contar ao rei a aventura. Luiz XV mandou dar-lhe casa, bem como a madame de la Tournelle, que se empenhou desde logo em fazer afastar madame de Mailly, porque o rei mostrava-se feroz, como seu avó Luiz XIV, para com as mulheres que já não amava.

Finalmente, madame de la Tournelle tornara-se a favorita do rei,—recebendo o titulo de duqueza de Châteauroux.

Todavia, no ceu azul da nova duqueza uma sombra presaga apparecera: era madame de Etioles, mais tarde marqueza de Pompadour, enamorada do rei a ponto de procurar deslumbral-o pelo tom brilhante das suas equipagens e das suas *toilettes* nas caçadas da floresta de Sénart.

Mettera-se de per meio a grave doença de Luiz XV, em Metz. Mesdames de Châteauroux e de Lauraguais, que tinham corrido ao encontro do rei, e que por esse facto o exercito denominava *coureuses*, foram expulsas da alcova onde o rei parecia agonisar. A rainha, a familia real chegaram. Luiz XV, cobarde em frente da morte, pedira perdão á rainha, mas, logo que melhorou, repelliu-a, e reconciliou-se com a duqueza de Châteauroux, que pouco mais tempo gosou o seu papel de favorita, porque morreu a 8 de dezembro de 1744.

No anno seguinte casava o Delphim, e foi justamente no baile *masqué* dado por essa occasião que Luiz XV reconheceu, sob o *costume* de Dianna caçadora, a apaixonada madame d'Etioles.

N'essa hora começara um novo idyllio amoroso para Luiz XV: madame d'Etioles succedera a madame de Châteauroux.

A favorita tomára o titulo de marqueza de Pompadour.

Luiz XV começara por endeusar a sua nova amante; em menos de um anno, gastara com ella dois milhões de francos. Depois... depois aborrecera-se, e madame de Pompadour, comprehendendo que a distracção, a novidade eram precisas ao espirito do rei, inventou-lhe um verdadeiro serralho, o Parc-aux-Cerfs, repleto de odaliscas, que todavia não ousavam disputar-lhe o papel de favorita. Com isso se contentava. E o rei, desfolhando as flores do seu harem, era um verdadeiro sultão que nem por sombras fazia lembrar o dedicado marido de outro tempo!

Madame de Pompadour era fria. O rei comparava-a a uma estatua de neve, e lá tinha as suas rasões. A favorita procurou dominar com excitantes aphrodisiacos o gelo do seu temperamento, e n'este esforço gastou a vida. Morreu aos quarenta e tres annos, em 1764, gasta, exhausta, mas saciada de honras: Maria Thereza de Austria tratara-a por *prima*, Voltaire, embora se risse á socapa, fizera-lhe versos galantes.

O rei vira partir para o cemiterio, indifferentemente, a sua antiga favorita. No dia do enterro chovia a potes. Luiz XV, do alto d'uma janella, dissera cynicamente:

—A marqueza tem mau tempo para a viagem.

Era que, segundo a phrase popular, andava moiro na costa. O moiro era a Du Barry, uma aventureira, que tinha vinte e um annos, quando a marqueza de Pompadour morreu.

As duas rivaes haviam-se encontrado na corte, e a marqueza tivera occasião de assistir á investidura da sua successora quando o esculptor Pajou fôra chamado para, no salão *dos espelhos*, em Versailles, cinzelar o busto da Du Barry. Jorge Cain aproveitou este assumpto para um quadro, reproduzido em gravura na *Illustração hespanhola* de 22 de janeiro de 1886.

Du Barry era, como dissemos, uma aventureira. Vinha da prostituição, do lupanar. Por isso o conde de Nivernais dizia a seu respeito:

Chacun sait que Vénus naquit
De l'écume de l'onde.

Fôra conhecida por mademoiselle Lange, ou l'Ange, em razão da sua formosura. O povo chamava-lhe alegremente *La Belle Bourbonnaise*. O grande Frederico denominava-a *Cotillon III*. Luiz XV, enfasiado já do seu serralho, confessava não ter encontrado nunca mulher tão saborosa no amor. Casou-a com o conde Du Barry, apresentou-a na corte, evidenciou-a como favorita.

Alexandre Dumas escreve:

«Luiz XV dera o exemplo dos amores rasteiros; até então os reis da França haviam-se respeitado nas suas amantes.

«Henrique IV tivera Gabriella d'Estrées, a duqueza de Verneuil, Carlota de Montmorency.

«Luiz XIV, mademoiselle de la Vallière, madame de Montespan, madame de Maintenon.

«Luiz XV estreiára-se como elles; mas, da duqueza de Châteauroux passou a madame d'Étioles, e de madame d'Étioles a Joanna Vaubernier.»

Todavia Luiz XV tinha de passar ainda por uma ultima degradação. A fim de desannuiar a tristeza profunda que o dominava, Lebel inculcou-lhe a frescura apetitosa da filha de um moleiro, que, graças ás suas cores rosadas, não passou pelo exame medico, como era costume, antes de entrar na alcova do rei. Essa rapariga, de sadio aspecto, estava contaminada de syphilis, que communicou a Luiz XV, dando logar a que reverdecassem todos os antigos vestigios d'essa enfermidade terrivel de que o rei havia soffrido em tempo.

Finalmente uma febre maligna viera complicar gravemente o estado pathologico de Luiz XV.

Foi assim, esphacelado pela gangrena, decomposto pela febre, exhalando um cheiro putrido que repugnava ás pessoas mais corajosas, que Luiz XV morreu.

No dia seguinte, a condessa Du Barry recebia do novo rei de França uma ordem de desterro. Passado algum tempo, obteve licença de Luiz XVI para ir habitar o seu palacio de Luciennes,



RUZ ZORRILLA

mas, em vez de se retirar, ostentou uma opulencia que despertava a inveja e a cupidez.

Roubada, odiada pela revolução que principiava a desencaixar as suas iras sangrentas, foi presa, e condemnada à guilhotina. Na presença da morte, revelou um terror enorme. Já sobre o cadafalso, exclamára:

—*Encore un moment, monsieur le bourreau.*

Depois, Sanson, indifferentemente, f-z descer o cutello.

Os reinados de Luiz XIV e Luiz XV haviam sido um diluvio de escandalos. A republica, para os afogar, fizera um diluvio de sangue.

Luiz XV não se havia enganado quando dissera: *Après moi le déluge.*

ALBERTO PIMENTEL.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O deputado Julião

Um imaginoso! Um poeta a quem cortaram as azas fazendo-o soldado, não podendo ainda assim domar-lhe os impulsos da sua nativa vocação.

Quem foram seus paes? Que cidade, ou aldeia de Portugal teve a gloria de o ver nascer? Ignoro uma e outra coisa, e confesso ingenuamente que me não dei ao trabalho de o indagar. O homem é filho das suas proprias acções, e as do deputado Julião foram tão singulares, tão perdidas da baralha, como se diz em linguagem familiar, que bastam ellas para lhe dispensar a genealogia, requerida em sujeitos que não saem da craveira por onde se afferem os simples mortaes.

As primeiras noticias que temos do nosso homem datam de 1822, sendo elle capitão d'artilheria em Goa, havendo-se negado a adherir á proclamação da constituição d'esse anno, e sendo por isso demittido do serviço militar, indo refugiar-se em Bombaim, onde escreveu um folheto intitulado «*Refutação analytica do manifesto do chamado governo provisorio da India*», que o «*Diccionario Bibliographico*» diz ser rarissimo.

Até aqui nada vemos de extraordinario. E' um cidadão como outro qualquer, que prefere o absolutismo ao governo constitucional, e como entre gostos não ha disputas, o capitão Julião José da Silva Vieira, assim se chamava elle, estava no seu pleno direito de saborear as praticas das theorias politicas a que se encostara, pouco consoantes é verdade, com as phantasias do seu character, e principalmente da sua ardente imaginação. Não sabemos se foi antes, se depois de 1822, que o futuro deputado Julião governou Damão, mas em qualquer das hypotheses, não consta d'elle até aquella epocha nenhuma das extravagancias, que mais tarde o tornaram celebre como governador de Timor, a não ser uma tineta invencivel para se enfeitar com toda a casta de veneras, chegando a invental-as para seu uso particular, e abrir o apetite aos amadores do genero.

O *Diccionario Bibliographico* que não tem a obrigação de saber as condecorações com que cada um se abotôa limita as honrarias de Julião a commenda da ordem de Christo, e aos habitos d'Aviz e de Malta, mas isto tudo é nada á vista das chapas de varios metaes com que o honraram os potentados da India ingleza, e os regulos phantasiosos da Oceania.

Para Julião ser já capitão d'artilheria em 1822 devemos suppor-lhe entre 30 a 32 annos de idade, attendendo á morosidade das promoções n'aquella epocha, havendo fallecido em 1855, foi entre os 68 a 70, que tiveram termo as suas aventuras verdadeiramente romanescas, como se vai ver.

De Bombaim, onde como dissemos Julião se havia refugiado, passou á Italia, acompanhando o sr. D. Miguel durante a sua permanencia n'este paiz, e não querendo verificar comsigo mesmo a verdade do prolequio *ir a Roma e não ver o Papa*, o nosso compatriota não só o vio, como se lhe insinuou no animo, chegando a obter do vigario de Christo, honras e distincções ecclesiasticas, pouco em harmonia com a sua profissão de soldado!

Antes de passarmos adiante convem dizer que o agraciado pelo Papa, quando governara Damão se fizera nomear tenente general dos reaes exercitos do rei do Mendobim, patente carnavalesca que Julião tomava a serio porque lhe andavam annexas umas insignias que eram o enlevo dos olhos dos que se deixavam fascinar pelo brilho dos ouros indios. Com esta tal insignia, uma grã-cruz que tinha pendente um animalejo qualquer, ainda tive a boa fortuna de chegar a ver enfeitado o antigo governador de Damão em uma sessão real da abertura do parlamento, se bem me recordo em 1849.

Em Roma vivia ainda o nosso romanesco compatriota quando lhe chegou a noticia de uma amnistia geral para emigrados politicos, e tanto foi ter d'ella conhecimento como dizer adeus ao Papa e recolher-se á patria, onde o aguardavam novas distincções, debaixo do regimen constitucional que repudiara em Damão, e que ia fornecer-lhe pretexto a novas excentricidades.

No fim do anno de 1843 encontramos nós a Julião José da Silva Vieira, já feito coronel, solto das peias ecclesiasticas, e nomeado governador de Timor e Solor, governo de que tomou posse em 7 de fevereiro de 1844. A Oceania ia ser o theatro das excentricidades administrativas do novo governador. A um paiz virgem, quadrava ás mil maravilhas a febril imaginação do poeta que a metropole lhe mandava, para desprezar toda a legislação existente, e dar aos salvagens de Timor um exemplo do muito que pode a imaginação d'um compatriota de Camões.

Quando Julião chegou a Timor aquillo não era colonia nossa, era um cahos em que elle não soube fazer a luz, tão desconnexos eram os elementos de que dispunha, se é que alguns tinha que podessem ser aproveitados. Um outro governador de Timor, muito posterior a Julião, o auctor do livro intitulado «*As possessões portuguezas na Oceania*, faz-lhe justiça encarecendo a sua intelligencia e probidade, sem occultar a excentricidade de seu character, e a originalidade dos seus processos governativos.

Que falle agora Affonso de Castro, o auctor do livro já citado, e digam-nos depois se já houve governador de colonia portugueza mais rasgado nos seus devaneios e mais alheio ás naturaes consequencias d'elles. Tudo o que nós dissessemos seria pouco á vista d'este significativo periodo do livro de Affonso de Castro:

«Mal chegou a Timor (o Julião) praticou logo um acto exorbitantissimo, pois que devendo proceder-se á eleição de um deputado, e não querendo combater a candidatura do seu antecessor, que ficára residindo em Timor, aonde tencionava emprender uma exploração agricola, nem tão pouco deixar de proteger um seu amigo, entendeu dever cortar a diffi:uldade interpretando a seu modo um projecto de lei, que não tinha passado por todos os tramites para ter força; e em vez de mandar eger um deputado, fez eger tres, justificando de um modo singular a sua resolução!»

O desfecho que teve esta prodigalidade eleitoral consta de todos os jornaes da epocha, não sendo Antonio Rodrigues Sampaio o ultimo a fulminal-o com a sua prosa acerada e fulminante lançando sobre o governo o magno disparate do seu delegado, que elegia deputados ás mãos cheias, sem se importar com a lei, nem com a comica situação em que os eleitos viriam a encontrar-se.

Como é natural que a consciencia de Julião não tivesse ficado tranquilla depois do laborioso parto dos tres deputados, começou elle a matutar no meio de fazer as pazes com Antonio Bernardo da Costa Cabral que fôra o seu protector quando um imprevisto incidente lhe veio fornecer pretexto, segundo elle pensava, ser agradavel ao presidente do conselho de ministros a quem directamente desejava obsequiar.

Medindo os outros por si, e tendo fallecido o rei de Liquiçá, de quem de certo Julião ambicionava a herança, o que se lembra fazer o resolutu governador?

Quebra por todas as praxes estabelecidas; dá por finda a dynastia do rei morto, e em vez de mandar eger um outro rei indigena, determina que se proceda á eleição de um conde reinante, e consegue que aquella gente bruta dê os seus votos para o improvisado cargo de conde reinante de Liquiçá, ao ministro de quem era amigo e protegido!

Satisfeito d'esta vez com o acto diplomatico que acabava de praticar, o governador Julião remette para o ministerio da marinha a acta da eleição do conde reinante, e deixou-se ficar á espera dos agradecimentos da metropole.

Qual não foi, porém, o desapontamento do governador de Timor, quando em vez da mercê honorifica que esperava, em troca da sua dedicação partidaria recebeu a seguinte fulminante portaria, datada de 28 de novembro de 1844:

«Que não menos surpreendeu a Sua Magestade a triste lembrança de fazer o governador de Timor um Conde reinante pela povoação de Liquiçá, miseravel e indecente lembrança, que nada pode justificar, pois que os povos, ou antes elle governador, não fazem condes, e menos condes reinantes.»

Depois de classificada de *indecente e miseravel a lembrança* de Julião, termos desusados em um papel official, mas que provam como o ridiculo dos muitas vezes mais do que as graves injurias, a portaria de 28 novembro de 1844, segue dando uma lição de historia ao governador de Timor, dizendo-lhe que:

«A paridade entre a Inglaterra a respeito da Irlanda e Timor é perfeitamente *disparatada*, e o que cumpria a elle governador era deixar em vacatura esse reino de Liquiçá, que estando apenas a uma legua de distancia de Dilly não precisa nem de rei, nem de conde reinante, achando-se este na distancia de cinco mil leguas. Sua Magestade, reprova portanto a tal nomeação, e a annulla completamente.»

Realmente a lembrança de comparar Timor á Irlanda bem merece a designação official de *disparatada*, que lhe deu a portaria, mas que parece ter incomodado pouco o censurado, por que, como afirma Affonso de Castro, Julião não lhe deu cumprimento, até que um preto qualquer, se apossou da auctoridade que já a esse tempo exercia, na ausencia do conde reinante!

Ainda mal convalido da sova monumental que levára, na portaria em que se lhe estranhava a facilidade com que fazia e desfazia reis, vio-se o governador Julião forçado a declarar a



AMOR DE MÃE

guerra ao rei de Cairuhi, que tinha dado guarida aos assassinos de dois vassallos da corôa portugueza.

Juntas as forças que deviam invadir o reino rebellado, facil foi a victoria, obtida por meio que negociações de deram em resultado a entrega dos criminosos.

D'esta façanha, que bem podia ser levada a effeito por uma esquadra de policias civis, deu conta para a metropole o incorrigivel estylista da seguinte bombastica maneira: «O que se praticou em Timor n'esta occasião pôde dizer-se um facto memoravel! Transportemo-nos aos tempos heroicos... Vemos a Iliada em acção!»

Depois de uma larga citação em francez, o imaginoso governador continua o seu relatório n'estes termos: «Timor é como a Grecia antiga, dividida em pequenos reinos, com a differença que estes não precisam de nomear nos casos urgentes um rei dos reis; tem-no sempre em Portugal na pessoa da nossa augusta rainha, a sua dignidade foi offendida na pessoa de dois subditos seus, barbaramente assassinados; um despota rebelde deu asylo aos culpados, ou os incitou ao crime; toda a ilha se deu por offendida, toda a ilha correu á vingança!...»

Se comparar a ilha de Timor á Irlanda, é já uma ousadia, que teve o seu correctivo official, o fazer o paralelo d'ella com a Grecia, é uma bernardice de tal ordem, que deixou o governo da metropole sem animo para lhe replicar.

Foi logo em seguida a ter visto a *Iliada em acção*, que o governador Julião se achou ameaçado por uma conjuração, de que era chefe um padre, chamado Gregorio, pouco respeitador não só da auctoridade civil e militar do vencedor do rei de Cairuhi, como tambem das prerogativas ecclesiasticas que o Papa lhe concedera.

Desfeita esta tempestade n'um copo d'agua, a que a imaginação do governador déra proporções tragicas, foram os negocios de Timor seguindo o seu curso natural, até que os nossos vizinhos Hollandezes, na Oceania, se lembraram de contestar a nossa jurisdicção, exigindo uma nova limitação de territorio entre as suas e as nossas possessões.

D'esta nova embrulhada se livrou Julião, não sem haver deixado a sua declaração para ser junta ao processo verbal a que se ia proceder, ácerca dos nossos direitos, fazendo-se eleger deputado, embarcando para a Europa em agosto de 1848, forçado a pedir emprestadas a um amigo as *sommas necessarias para fazer a viagem*, por se lhe deverem tres annos dos seus ordenados, tal era o estado financeiro d'aquella infeliz colonia!

Foi como representante do paiz, eleito por si mesmo, outros o tem sido pelos regedores e cabos de policia, que eu conheci a Julião José da Silva Vieira, gravemente sentado na extrema direita da camara, esquecido da portaria com que cinco annos antes lhe haviam contestado o direito de eleger *condes reinantes*, e duvidado da sua auctoridade para fazer parallelos historicos.

Fiel até á ultima ao seu amor pelas veneras, viessem ellas dos infieis, ou do chefe das christandades, o deputado Julião não deixava perder occasiões de ostentar a sua cruz de Malta, de camaradagem com a commenda de Christo, e a gran-cruz com que o agraciára o rei de Mendobim, satisfeito ao que parece dos serviços prestados pelo tenente general dos seus reaes exercitos.

Julião José da Silva Vieira, morreu, em 1855, no posto de marechal de campo reformado, naturalmente de fome, se na Europa lhe pagaram o soldo, com a mesma pontualidade com que em Timor lhe satisfizeram os seus honorarios, forçando-o a pedir d'umbeiro emprestado para regressar á patria.

L. A. PALMEIRIM.

DEDUCÇÃO MYTHOLOGICA

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a D. HELENA DE MELLO

Helena—como sabe—foi princeza da mais pura e melhor... mythologia; no seu tempo, de certo, não havia quem podesse veucel-a em gentileza—

Para oppôr a tão *alla gerarchia* tem *vossencia* tambem uma nobreza — a primeira de todas com certeza:— o seu bello talento—Em fidalguia,

e no nome, portanto, são eguaes: e—á parte o respeito havido aos paes— são germanas... até na formosura.

De sorte que, *vossencia*—sendo exacto o que digo—não passa d'um *retrato*, a que um soneto serve de moldura.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 15 DO 3.º ANNO)

VI

Era uma vez um Fonseca!

Estava decidido: o Fonseca seria ministro da Fazenda. No dia immediato, antes de almoço, teve uma larga conferencia com Antonina.

Depois, mandou pôr o trem e ia para sahir.

—Está o almoço na mesa, veio um dos criados annunciar.

—O senhor não almoça agora, determinou decidida a Antonina.

—Hein? Eu talvez tivesse tempo de almoçar, começou a dizer o Fonseca, que apesar de se sentir estadista nem por isso deixava de pensar com certo encanto nas costelletas de vitella e nas talhadas de fiambre que o esperavam na mesa.

—O senhor almoça logo, quando voltar, concluiu Antonina, não fazendo caso do appetite do Fonseca.

—Almoço logo, confirmou elle, concordando, por não ter outro remedio, e dirigindo-se para a escada.

Metteu-se no trem e disse ao cocheiro:

—Para casa do sr. Presidente do Conselho.

O cocheiro tocou os cavallos, e d'ali a pedaço, o trem parava defronte d'um palacete a Valle de Pereiro.

O Fonseca deixou-se ficar dentro do trem, espreitando pelos vidros da frente, para ver qual era o embaraço que motivava aquella demora.

Mas n'isto, um guarda-portão descobriu-se respeitosamente e abriu a porta do seu *coupé*.

—O que vem a ser isto? perguntou o Fonseca admirado.

Olhando porém para a porta do palacete e vendo um correio de ministros, fez-se pallido.

—Não é aqui, Agostinho, gritou elle d-bruçando-se pela portinhola, não é aqui.

—V. Ex.^a não me disse—a casa do sr. Presidente do conselho? perguntou da almofada o cocheiro muito respeitosamente.

E depois affirmou.

—A casa do sr. Presidente do conselho é aqui.

E dirigindo se para o guarda portão perguntou, confirmando-se:

—Sim senhor, respondeu o guarda-portão, Sua Ex.^a está ainda em casa e deu hoje ordem que recebia todas as pessoas que o procurassem.

E com uma grande loquacidade de *concierge*, e todo enfrunhado em politica como um guarda-portão que ha cinco annos não fazia outra coisa senão abrir e fechar portinholas a ministros, continuou logo, sem dar tempo ao Fonseca que o interrompesse.

—E tem vindo já o poder do mundo. Toda a gente quer demonstrar claramente a Sua Ex.^a o apreço em que o tem. E' uma questão politica. Vir a esta casa hoje é já censurar publica e ostensivamente a opposição que derrubou o ministerio, e até El-Rei que lhe acceitou a demissão. Francamente Sua Magestade não devia ter acceitado a demissão do ministerio, o que devia é ter immediatamente dissolvido as camaras. E' o que diz toda a gente séria. Quem hade governar agora? Naturalmente meia duzia de insignificantes, de nullidades...

O Fonseca ouvia aturdido, quasi que apoplectico, o artigo de fundo que o guarda portão lhe desfechava á queima roupa, e a indignação enorme que se apossára d'elle asphixiava-o, não o deixava fallar.

Entretanto, quando o guarda-portão fallou em insignificantes e em nullidades, a allusão directa, pessoal que viu n'essas palavras, fez-lhe cobrar folego e interrompeu-o violentamente, vibrante de indignação.

—Sabe com quem está fallando?

—O guarda portão olhou-o muito espantado e não respondeu.

Está fallando com uma d'esses nullidades, com um d'esses insignificantes.

O guarda portão, cada vez percebendo menos, abriu para elle uns olhos enormes, arregalados, de doido.

Entretanto, o Fonseca debruçando-se de novo pela portinhola, gritava vermelho, como um rebenta bois, para o cocheiro:

—A casa do senhor Presidente do Conselho, mas do sr. Presidente do Concelho bom, do novo.

—Do novo? perguntou o cocheiro sem comprehender.

—Sim, homem, a casa do sr. conselheiro Malaquias.

E empurrando o guarda-portão com um gesto irado e atirando-lhe um desprezador:—Tire-se lá homem—fechou com grande estrondo a portinhola da carruagem.

—Na Carreira dos Cavallos, não? indagou ainda o cocheiro.

—Sim, na Carreira dos Cavallos, disse o Fonseca, recostando-se furioso, indignado, no fundo do seu *coupé*, ao passo que o

guarda-portão, começando a comprehender o engano do cocheiro, e a asneira que fizera, desatou a rir com o correio e com uns vizinhos que se tinham aproximado, fazendo uma grande troça politica d'aquella amostra grotesca dos ministros que vinham substituir o forte ministerio a que o seu patrão presidia ha tantos annos.

—D'estas só a mim me acontecem! monologava o Fonseca, furioso com a sua sorte e com o seu cocheiro, enquanto o trem rodava por Andaluz até á Carreira dos Cavallos. O que vale é que aquelle insolente do guarda-portão não me conhece, senão o que diriam de mim!...

«Deus queira que não estivesse por ali alguém que me visse parado á porta do presidente dos ministros demissionarios!

«Se isto se soubesse, seriam capazes de imaginar que eu tinha vindo pedir venia ao governo cahido para entrar no governo que se ergue!

«E aqui teem como o diabo as tece! Vão lá fazer acreditar a alguém que isto foi um simples engano do cocheiro, d'um cocheiro que não anda ao corrente da politica! Toda a gente que soubesse que eu tinha estado á porta do presidente do conselho de hontem, antes de ir para casa do presidente d'amanhã, havia de julgar-me traidor, talvez, quem sabe, um espião do partido vencido, mettido no seio do partido vencedor!

E pensando tudo isto em turbilhão, muito afflicto da sua vida, muito contrariado com o desastroso *qui-pro-quo* que se dera, o Fonseca nem tempo teve para continuar a recordar a lição que lhe ensinara a sua amante, e que elle vinha rememorando quando o trem passava em Valle de Pereiro.

Finalmente chegou á Carreira dos Cavallos, a casa do novo presidente do conselho, do bom, como elle lhe chamava.

E conhecia-se logo á porta que ali é que morava o bom.

Sete ou oito trens alastravam-se pela rua, como em dia de casamento de estrondo, defronte da porta do conselheiro Malaquias; e o guarda-portão, muito atarefado, de parecer severo, ar de poucos amigos, recebia, por de cima do hombro, as inumeras pessoas que a cada momento chegavam, uns com um bilhete de visita, outros com uns recados verbaes, outros com memoriaes que mudavam de nome, e dizia a torto e a direito, muito ancho da sua posição:

—O sr. conselheiro não recebe ninguem! não pode fallar a ninguem!

O Fonseca apeou-se, sem que ninguem pensasse em lhe abrir a portinhola — que differença entre a casa do outro presidente, do que já não prestava! — e o guarda-portão recebeu-o com o mesmo ar sobranceiro, sem lhe ligar a minima importancia.

—O sr. conselheiro Malaquias?

—O sr. conselheiro não falla a ninguem hoje, respondeu o guarda-portão, quasi que sem olhar para elle, e preparando-se já para lhe voltar as costas, e ir despachar outro pretendente.

—Eu sou o Fonseca...

—Deixal-o ser o Fonseca, não recebe ninguem.

—Mas a mim recebe-me... leve-lhe o meu bilhete.

—Tenho ordem de não levar bilhete nenhum. Sua Ex.^a não recebe ninguem...

—Mas...

—Ninguem, pela palavra ninguem, tornou o guarda-portão desabridamente; o seu bilhete deixou-o para ahi, que eu logo lh'o entrego.

—E as pessoas que vieram n'esses trens? perguntou o Fonseca com vontade já de desancar o guarda-portão.

—Isso é outra coisa: são os novos ministros.

O rosto do Fonseca illuminou-se d'um sorriso triumphante.

—Ah!

—Sua Ex.^a não recebe senão os ministros.

E depois, como que querendo humilhar aquella visita, que já o estava massando, perguntou-lhe com uma certa ironia motejadora:

—O senhor é dos ministros novos? Não, logo...

—Perdão, sou, respondeu theatralmente o Fonseca endireitando-se e dominando a situação.

O guarda-portão olhou para elle a ver se estava a caçar, mas ao ver-lhe o ar triumphante, a pose d'estadista, fez-se mais pequenino do que um feijão frade, e tirando humildemente o seu bonet, curvando-se muito, balbuciou em voz muito sumida, muito respeitosa:

—Eu peço mil perdões a Sua Ex.^a, eu não podia adivinhar, se Sua Ex.^a me tivesse dito quem era...

—Você disse-me logo que o sr. conselheiro não recebia ninguem e com uma cara de despedir hospedes.

—Não recebe ninguem, mas os srs. ministros recebe-os, ora, essal! É mesmo por causa de suas Ex.^{as}, que o sr. conselheiro não pode receber mais ninguem. Queira ter a bondade de entrar, e de me perdoar, e de me desculpar. Eu não sabia com quem tinha a honra de estar fallando. Peço mil perdões a S. Ex.^a

E desfazendo-se todo em barretadas, o guarda-portão abriu as duas portas que davam para a escadaria nobre, e tocou a sineta, dando signal de visita e curvando-se até ao chão, quasi.

O Fonseca sentiu-se ministro pela primeira vez na sua vida, e gostou muito.

Um creado esperava-o no alto da escada e sem lhe dirigir a

mais ligeira pergunta, curvou-se tambem, submisso e respeitoso, e conduziu-o á sala grande, onde o conselheiro Malaquias conversava com cinco sujeitos, entre elles o Silveira.

—Chega a proposito, disse o Silveira pondo-se em pé, juntamente com os seus collegas; entre, Fonseca, chega a proposito, estamos no nosso primeiro conselho de ministros, presado collegial

O Fonseca sentiu uma tal satisfação ao ouvir esta phrase, que ia quasi perdendo os sentidos.

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

TYPOS DE LISBOA

O Martinho de Arroyos

Todas as cidades possuem, em maior ou menor numero, uma serie de typos genuinamente populares, consagrados pelo vulgo, e que, com o decorrer dos tempos, estabelecem um ponto de comparação entre as suas loucuras e manias e os actos dos que, encontrando-se collocados n'uma posição elevada, perdem n'um momento de irreflexão a linha correctã, que ao homem de sociedade compete conservar em todos os seus actos e acções.

Estes typos, em geral destituídos d'um perfeito estado das funcções intellectuaes, conseguem ser conhecidos de todos os habitantes da terra em que vivem. Teem essa popularidade das ruas, vinda de bocca em bocca, com a rapidez vertiginosa d'uma noticia alarmante.

Ha epocas em que elles escasseiam, e torna-se necessario que o individuo reuna em si uns certos e determinados feitiços phisicos, que impressionem fundo a cellula do indigena, para que este lhe sobre a fama e o popularise indelevelmente.

O Martinho de Arroyos estava n'este caso.

Dois terços dos habitantes de Lisboa desconheciam Castilho, Rodrigues Sampaio, José Carlos dos Santos, e outros vultos dos mais apregoados por todas as classes sociaes; mas rara seria a pessoa que não conhecesse o Martinho.

O pobre louco era, effectivamente, um typo das ruas, com todo o seu *cachet* original e unico.

Pequenino de talhe, esqueletico, rosto amarellado e cadaverico, ossudo, de enormes angulos osteologicos, sem barba nem bigode, olhar penetrante e pasmado, craneo um pouco microcephalico, braços compridos e sorriso alvar e constante, o Martinho tinha a preocupação do militarismo.

A sua maior ventura era figurar de general em dia de gala. Os seus admiradores vestiam-lhe então uma farda velha de soldado raso, agaloada a papel dourado e medalhas de papelão de varias cores, punham-lhe na cabeça um chapéu armado, de papel, com pennas de peru, davam-lhe uma espada de folha, e assim ataviado, coçando na cabeça com gestos rapidos de perfeito mono, deitava a correr até ás ruas mais centraes da cidade, onde luzia o seu fardamento rico, com modos graves e importantes, chapéu inclinado para a orelha esquerda, e a espada descahida para o solo, em attitude de conduzir á gloria um grande exercito victorioso.

O rapazio brincava com elle, mas não o maltratava. O Martinho, com o seu ar anemico, bondoso e profundamente desgraçado, inspirava um certo respeito instinctivo, uma commiserção natural, difficil de explicar.

Em pouco tempo, porém, o fardamento ficava reduzido a um farrapo, os galões de ouro arrancados, e o chapéu feito n'uma bola, que elle rebojava, aos pontapés, pelas ruas ingremes.

Martinho porém não se incomodava com esses reviramentos da sorte.

Aos pulos, sempre rindo e gesticulando, não proferindo uma unica phrase, continuava as suas correrias, e em todos os sitios lhe davam cigarros e de comer.

O desgraçado louco não passava fome, porém o seu busto mantinha-se sempre magro e o seu rosto quasi cadaverico.

O Martinho representava o producto anemico d'um residuo sem vitalidade nem consistencia, desenvolvido n'um meio fraco e depauperado.

Era d'aquelles grandes infelizes, refugos da natureza, lançados ao mundo pelas leis fataes da criação, e que, faltos de sangue, rachiticos, de cerebro atrophiado e escuro, arrastam pela terra uma existencia miseravel, votada ao dó e á caridade publica.

O Martinho era inoffensivo. A sua unica desforra consistia em, quando se zangava, atirar ao publico um gesto menos correcto mas extraordinariamente significativo.

Só muito excitado se lembrava de apanhar uma pedra, para se defender, arma perigosa nas suas mãos descarnadas, porque tinha uma pontaria terrivelmente certa.



EGREJA DE S. VASSALI, NA PRAÇA VERMELHA, EM MOSCOW

Nos ultimos annos da sua vida, acompanhava-o uma irmã, que vendia cautellas, e que, pelos laços de parentesco com o pobre louco, conseguia fazer o seu negocio facilmente.

Era sobremaneira notavel a antypathia que o Martinho tinha pelas imagens dos santos.

Uma vez na igreja, em frente d'um S. João Baptista de carnes rosadas e adiposas, ou de um S. Miguel iracundo rebentando o ventre d'um diabo fabuloso, não se continha, e saudava-os com o mesmo gesto com que se desferrava da troça do rapazio.

Os sitios de Arroyos eram os seus predilectos, porque n'elles vivera desde creança, e n'elles todos o estimavam e lhe valiam nas suas necessidades, que bem poucas eram.

Do proprio local tirara o cognome porque era conhecido. Póde-se mesmo dizer que quando fallavamos em Arroyos, nos vinha inconscientemente á lembrança o vulto simico, desconjuntado, febril, do Martinho, misero Triboulet das ruas de Lisboa.

Por bastantes annos a capital supportou sorrindo e cheia de bonhomia as loucuras do pobre Martinho, cuja idade ninguem poudede jamais precisar de *visú*, porque o seu rosto de velho menino e de menino velho escapava a toda e qualquer observação que podesse determinar-lhe os annos.

*

Devido á amabilidade do ex.^{mo} sr. Eugenio Vicente Dias, Desembargador da Relação Patriarchal e Prior da freguezia de S. Jorge de Lisboa, soube que o Martinho se chamava Martinho Antonio de Freitas, era natural de Lisboa, filho de Manuel Antonio de Freitas e de Anna Rita de Freitas, e na idade de quarenta e cinco annos falleceu no quarto n.º 95 do Pateo do Conde de Soure, na Estrada da Penha de França, aos 17 de julho de 1883.

Quarenta e cinco annos, o misero Martinho arrastou pelo mundo a sua pobre existencia, coroada por chapéus de papel, e festejada pelos *gavreches* petulantes da cidade.

Quarenta e cinco annos! Que enorme sarcasmo do destino.

ALFREDO GALLIS.

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL TALAYA

O general Joaquim Dias da Silva Talaya, para quem a vida se apagou ha pouco, e que foi um dos militares mais valentes, illustrados e briosos do nosso tempo, não pode deixar de ter o seu nome registrado nas paginas d'esta Illustração.

Inscrevendo-o aqui hoje, embora desacompanhado de longas biographias que o nosso semanario não comporta, prestamos uma homenagem devida áquelle homem exemplar de bondade e notavel de valentia provadissima.

O general Talaya completara 79 annos de idade em 29 de agosto ultimo, e 62 annos de praça em 26 de setembro. Foi alumno do real collegio militar, cursando depois as aulas da academia de marinha, com distincção, mas não concluindo o curso, por ter que emigrar, com seus irmãos mais velhos, em virtude das luctas politicas que se succederam a breve traço.

Alferes de 9 de julho de 1827, o moço Talaya seguiu as idéas liberaes e por ellas soffreu, sendo um dos bravos que desembarcou na ilha Terceira, e que depois veiu desembarcar ao Mindello com o exercito libertador.

Promovido a tenente a 17 de maio de 1833, batalhou na acção da Asseiceira, entre muitas outras em que tomou parte gloriosa, estando por esse tempo ás ordens de um official francez, escolha que foi determinada pela sua illustração e qualidades militares.

Foi, por distincção, promovido a capitão em 1837, depois de haver feito parte da divisão auxiliar á Hespanha, onde outro valente, o conde das Antas, o distinguiu com a sua estima; e nos acontecimentos politicos de 1846, seguindo o partido progressista, viu prejudicada a sua carreira, sendo preterido para major na revolta de 1851, e tendo a graduação d'esse posto de 29 de abril.

Em 6 de outubro de 1858 ascendeu a tenente coronel, e em 3 de setembro de 1861 foi promovido a coronel para infantaria n.º 11.

Pela promoção do brigadeiro Taborda á effectividade do posto, foi o coronel Talaya transferido para o commando de infantaria 16, onde fôra tenente coronel por muito tempo e onde era muito bemquisto e estimado.

Em 3 de fevereiro de 1870 foi promovido a general de brigada.

Por occasião da pavorosa, esteve durante alguns dias no paço de Ajuda, sendo muito estimado por El-Rei, que depois lhe conferiu as honras de seu ajudante de campo.

Finalmente, já quebrado pela idade e pelos desgostos, ascen-

de ao posto de general de divisão em 23 de maio de 1883, sendo collocado no supremo tribunal de guerra e marinha, a que estava presidindo, por impedimento do general Palmeirim, e a que só nos ultimos tempos era menos assiduo, porque sentia a morte bater-lhe á porta.

O general Talaya era condecorado com grande numero de distincções honorificas, entre as quaes brilhava a gran-cruz de Aviz e a commenda da Torre Espada. De todas ellas, a que o illustre militar mais presava, era a medalha das campanhas da liberdade com o algarismo 9, que já vae consideravelmente rareando nas fileiras do nosso exercito

RUIZ ZORRILLA

Ruiz Zorrilla, chefe do partido republicano de Hespanha, e alma de quasi todos os pronunciamentos militares que ali se teem realizado para derrubar as instituições, nasceu em 1834 e foi pela primeira vez eleito deputado em 1856.

Perseguido pelos seus escriptos depois de haver tomado parte na insurreição de 1866, refugiou-se em França; e achando-se em Cadiz ao rebentar a revolução de 68, entrou no governo hespanhol como ministro das obras publicas.

Sob a primeira regencia do marechal Serrano, em 1869, foi Zorrilla encarregado de gerir a pasta da justiça, que pouco depois abandonou, e em 1870 era eleito presidente do congresso.

Ruiz Zorrilla sustentou a candidatura do duque d'Aosta ao throno de Hespanha.

Ministro no gabinete organizado pelo rei Amadeu, foi tambem presidente do conselho d'Estado, e era-o ainda no momento da abdicção d'aquelle principe.

Ligado em seguida ao partido republicano, foi forçado a exilar-se por occasião do advento d'Affonso XII ao throno. O governo francez expulsou-o do territorio da republica em 1875, e agora falla-se de novo em que vae expulsal-o, a pedido do gabinete Sagasta, por causa dos ultimos acontecimentos de Madrid, attribuidos a suggestões e manejos do celebre agitador.

AMOR DE MÃE

Bello assumpto e ballissimo quadro!

Quando se contempla, quando se admira na feliz expressão do sentimento que traduz, quasi que nos sentimos tomados de uma reverente admiração pela frescura e sublimidade do affecto que aquelles seus dois personagens representam.

É porque está alli a alma do mundo—o amor maternal, o unico sentimento verdadeiro da humanidade, a mais bella nota da escala de harmonia que Deus nos poz no coração!

A mulher póde ser admiravel, encantadora, prestigiosa, omnipotente pelas fascinações do talento, da formosura, ou da ardeleza, mas nunca é verdadeiramente sublime, senão quando é mãe.

Comprehendeu-o o artista, quando se inspirou da grandeza d'este sentimento para o imprimir no seu quadro; ha alli o symbolo de uma religião completa, ha alli a demonstração eloquente da existencia de um ente supremo, que só elle podia pôr no coração humano tão delicado affecto; ha alli a synthese de toda a evolução da humanidade, o presente e o futuro, a realidade e a esperança, o affecto de hoje que prepara a força de amanhã; ha alli a mãe e o filho.

E pensar que ha mulheres que ainda acham pouco o serem mães, e que cuidam mais em ser eleitoral!

EGREJA DE S. VASSALI, NA PRAÇA VERMELHA EM MOSCOW

A nossa gravura representa a igreja de S. Vassali, um dos mais sumptuosos templos de Moscow. Pelas bellezas do exterior pode imaginar-se quantas maravilhas o interior encerra.

VISCONDE DE SISTELLO

(Manuel Antonio Gonçalves Roque)

Acaba de fallecer no Brazil este nosso benemerito compatriota.

Nascera o illustre finado em 1834, na freguezia de S. João Baptista de Sistello, concelho dos Arcos; e destinando-se desde tenros annos á vida commercial, partira para o Rio de Janeiro, onde um trabalho assiduo e uma grande honestidade de caracter lhe grangearam bem depressa posição e sympathias.

Entre os membros mais benemeritos da colonia portugueza no Brazil, e que mais se lembravam da sua patria em momentos de infortunio e de lagrimas para ella, occupou o visconde de Sistello um logar de honra.

Antes que a munificencia régia lhe recompensasse com este titulo os assignalados serviços prestados ao seu paiz e designadamente á terra da sua naturalidade, o nome de Manoel Antonio Gonçalves Roque tornára-se illustre e respeitado na praça do Rio de Janeiro, como o de um commerciante bemquisto, que tinha a mais elevada comprehensão dos sentimentos da honra e probidade. No meio da sua prospera carreira, s. ex.^a não esqueceu nunca o seu paiz. São notaveis e relevantes os serviços por elle prestados ás differentes associações de beneficencia da capital do imperio. A sua cooperação em todos os empreendimentos promovidos no Rio de Janeiro a favor de Portugal, foi sempre prompta, generosa e efficaz. Nas listas das grandes subscrições ali promovidas em beneficio dos famintos de Cabo Verde, dos inundados de 1876, do monumento aos Restauradores, dos Albergues Nocturnos, etc., o nome do visconde de Sistello appareceu sempre acompanhado de uma verba importantissima.

Sistello, terra da sua naturalidade, deve-lhe os mais notaveis e valiosos melhoramentos.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA CONIMBRICENSE

A' charada dou começo,
P'la primeira vertical.
A qual, segundo parece,
Indica certo animal.

A segunda vertical.
Veja, leitor, se a adivinha,
Pinhão creia que não é,
Mas affirmo-lhe que é pinha.

A primeira horisontal,
A bordo é mui confortavel;
Mas em terra, quem a usa,
Não está muito saudavel.

'stando a sós dois namorados,
Creio ser bem natural
Que se oiça rumorejar
A segunda horisontal.

Na primeira diagonal
Vê-se termo mui usado,
Que se applica vulgarmente
A sujeito endinheirado.

Na segunda diagonal
Encontras certo peixinho,
Que, sendo bem preparado,
Dá um bello petisquinho.

MATHEUS JUNIOR.

Pergunta enigmatica

Qual é o instrumento que no tempo de D. Affonso V valia 40 réis?

Carta enigmatica

(Ao distincto charadista, A. Meruje)

Meu caro 16, 15, 11, 4, 5, 17, 7, 12, 3

Vi hontem o 5, 8, 6, 4, 2, 7, 18, o noivo da 10, 9, 15, 3, 17, 16, conversando com a 15, 16, 14, 8, 5 na villa de 16, 12, 18, 14, 13, 1. Disse-me que o 8, 5, 14, 2, partira para o 4, 2, 5, 6, 7, 8, 18, 16, 15, onde sua prima 2, 3, 18, 17, 18, 8, vae curar-se do 13, 16, 17, 13, 12, 18, que a atacou na 6, 14, 13, 5.

Tambem a 2, 3, 18, 6, 5, 8, 7, 16 se queixa de dores no 13, 12, 16, 17, 11, 18, pois cahiu do 13, 11, 7, 8, 18 quando brincava com o 2, 3, 18, 6, 9, 15 na 13, 11, 12, 13, 16. Eu estou doente d'uma 14, 17, 10, 5 porque me feri n'um 13, 16, 12, 7, 18 quando o 15, 11, 4, 17, 7, 12, 18 cá esteve. Falta uma 4, 7, 14, 11, 2, 15, 16 ao 13, 16, 17, 3, 13, 18 que me enviaste; talvez a 7, 18, 6, 16 o quebrasse. Quando lá fôr, quero ver 13, 14, 12, 16, 7, 5 a boa 13, 2, 4, 8, 16, e tenciono 15, 11, 12 lá a 15, 9, 6, 7, 4 de 4, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18

Sempre teu

2, 9, 18, 17, 5, 8, 7, 18

Porto.

M. M. & M.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Claraboia.—Outono.—Saboga.—Avarama.—Ebrio.—Cangirão.—Reinação.—Martyrio.—Canabraz.—Caraminhola.—Gilberta.—Pedrosa.—Sepulcro.—Doloso.—Megera.

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—

Sol fa
da do

DA CHARADA TRIANGULAR:—

M a d e i r a
a l e i v o
d e i x a
e i x o
i v a
r e
a

DA CHARADA MAPPA:—

ra sa
sa ra

DO ENIGMA (SALTO DE CAVALLO):—Para fugir da trovoada das paixões, o casamento com uma mulher boa é um porto na tempestade; mas o casamento com uma mulher má, é uma tempestade no porto—Petit Senn.

DO ENIGMA:—Ajurupura.

A RIR

N'um jantar de nupcias.

O creado, para o noivo, ao *dessert*:

—V. Ex.^a quer café?

—Não; poderia tirar-me o somno.

UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO CONTRA O DEFLUXO

Chlorhydrato de morphina, 10 centigrammas; gomma pulverisada, 8 grammas; sub-nitrato de bismutho, 2½ grammas.

Na corysa aguda ou chronica toma-se em 2½ horas, a quarta parte d'esta mistura, lavando as fossas nazaes com agua morna antes de usar estes pós.

NO ALGARVE

I

Não conheces este pedaço do cabeçalho que encima os diplomas, os titulos, os documentos officiaes que os reis concedem? Não conheces, leitor, este velhote, este reinosito, celebre pela historia, celebre pela sua posição, celebre pelo seu clima, celebre pelos seus productos, celebre pela sua industria, celebre pelo Assis e celebre por ter sido o berço do teu primeiro lyrico, João de Deus?

Pois vem d'ahi commigo, *bras-dessus, bras-dessous*, bagagem de pouco peso, o olhar bem cheio de alegria, d'aquella alegria de outros annos volvidos, e partamos para a provincia.

Deixa por um mez apenas este centro populoso em que a vida, toda de ostentação, faz esquecer os luars serenos nas noites provincianas, este grande reservatorio de anemias e de olheiras esfumadas a carvão, estes labyrinthos de arruamentos mal cheirosos, prenes de espartilhos e de saguões sujos, e vamos respirar o ar puro dos plainos ainda verdes, seguindo por esse littoral fóra, pela beira do oceano, beijados da brisa que vem do largo e escutando n'um enlevo o rumorejar surdo e constante da vaga que se desfaz nas praias.

Para traz, bem para traz, reminiscencias passadas; fiquem ao longe saudades que emudeceram; apaguem-se tristezas inuteis; venham treguas para as convulsões da vida accidentada; em paz esta especie de gravidade inherente ao primeiro diploma burocratico e este positivismo colbido em luctas ignoradas; um pouco de qualquer preparado chimico para as brancas que vieram, como bandidos cobardes, assaltar-nos ao despertar do ultimo sonho de rapaz; e sigamos por esse Algarve além, e saltitemos nos mesmos valles, onde tantas vezes se gravaram as pégadas de correrias ruidosas.

Ali abaixo—vê tu—haverá um pedaço de pedra que as invernias embranqueceram e que os ventos do outono cobrem agora de folhas seccas,—grandes lagrimas caídas dos ramos; mas não te detenhas, meu velho: desvia o olhar—esse olhar hypocrita

que parece querer revelar uma banalidade compassiva—e deixa-a ficar dormindo á beira do nada e ao pé d'aquella cruz.

Passemos de longe. A ella basta-lhe uma saudação íntima, muito íntima, em voz baixa, quasi em segredo. E que ninguém oiça esta palavra aprendida no berço e que mais tarde, nas mil tribulações da vida, consegue ainda quebrar tendencias pessimistas, surgindo no nosso espirito atediado como uma aurora de luz.

Desculpa este vago reconstruir d'um edificio que tombou, meu gentil companheiro de viagem. Nunca tentaste reunir os pedaços dispersos das tuas recordações infantis?

Eu nasci aqui e hoje que regresso, sinto cá dentro...

E' que aquelle muro escalavrado e aquelle tronco crivado de iniciais enegrecidas deixaram-me absorto, n'uma *réverie* doce e boa. Se podesse mostrar-te o que estou vendo agora...

Quantas peripecias, quasi esquecidas! como as scenas emergem, avultam, tomam corpo! como me invadem em tropel os mesmos risos d'outro tempo!

Cerremos a pagina aberta, o olhar enxuto.

Agora vamos ver as vindimas que principiam com todo o seu cortejo de canções populares de rythmos suaves—meloideas cadenciadas, poematos sonoros que tantas vezes me fizeram scismar e te fazem bocejar a ti.

Não importa. Tomei o encargo de ser o teu *cicerone* e hei-de mostrar-te o paiz da alfarroba que tu não conheces e que tem bellezas naturais.

Principiemos por aqui.

Este vaporsito de rodas que vae cortando a superficie lisa do Guadiana é o *Gomes* n.º tantos.

Dize adeus áquelle penhasco negro que parece crescer sinistramente nas brumas da noite; dize adeus ávelha *Mertola*—duende do granito debruçado das escarpas da montanha; senta-

te aqui á ré; e esperemos que a meia tinta que se esbate no oriente empallideça a estrella d'alva.

São 4 horas. Dentro em pouco avistaremos o Pomarão, pequena povoação de mineiros, na margem esquerda do rio. Assenta na encostad'um rochedo. Pomarão é o ponto de embarque para o mineral de cobre que sae das minas de S. Domingos para os mercados estrangeiros. Ao sul corre uma ribeira que nos separa de Hespanha: d'ahi para baixo, até á foz, toda a margem esquerda é hespanhola. Nem valará a pena olhar. E' triste e apresenta apenas uma linha de penhascos avermelhados. A' direita e a tres milhas do Pomarão, rio abaixo, verás *Alcoutim*, villa insignificante, monotona e triste: não tem vida, não tem commercio, não tem nada. Depois surgirão aldeias pequenas, agrupamentos de casas pobres, logarejos insignificantes, recortados no horizonte, meio velados na nebrina d'estas paragens no outono, e beijados pelas ondinas do Guadiana.

Não te detenhas; tudo isto é pobre e humilde.

Espera um instante...

Ahi o tens, o velho sol que surge, espreitando-nos detraz d'aquelle cerro eriçado de estevas.

Outro instante... Vés uma lingua de areia, formando cotovello, em prolongamento da Rocha, e que se esgueira para a direita? Ahi tens o rio que se abre, que se patenteia em toda a sua largura. Lá está a barra, escancarada ao sul, mostrando o mar largo. Vés por estibordo um monte pardacento? No alto ha uma linha de fortificações com ameias escuras e escalavradas. Distingues? E' *Castromarim*, antiga fortaleza mourisca, de origem remota, ponto estrategico importante, hoje montão de ruinas e presidio ha pouco ainda. Possui as melhores salinas do Algarve, mas a sua posição, e os terrenos aridos e pedregosos que a cercam, tornam-a inhospita. Não progride. Estacionou ha seculos e assim ficou vivendo das suas tradições heroicas—sentinella perdida, coberta de musgo, esperando ainda em vão ver surgir no horizonte as lanças de hostes inimigas.

Teve uma historia longa e brilhante, mas a civilização moderna poz de parte os arietes e deixou-a entregue aos vendavaes para ir levar o progresso a outros pontos estrategicos, onde o commercio e a industria poderiam ser implantados mais vantajosamente.

Vis-à-vis d'esse monte alcantilado, ao nascente do rio, não vés outra montanha bojuda? Pertence aos nossos visinhos andaluzes. Lá tem um castello em ruinas, a cair de velho: e por ali abaixo, pela encosta suave, alastra-se sinuosamente um arruamento de casarias brancas, que vae dar á cidade hespanhola—*Ayamonte*. Mergulha os alicerces no rio. Sua unica industria, a pesca, importante fonte de receita.

Encontra-se nella, em tudo, o tom arabe, desde os balcões gradeados de ferro até ao perfil insinuante das mulheres, vivazes, alegres, ruidosas, de olhos negros, morenas ondulantemente vagamente melancolicas—typos degenerados d'uma raça forte e generosa que em toda a peninsula deixou os vestigios accentuados da sua passagem.

Voltemo-nos para o poente agora. Ahi tens, a moderna *Villa Real de Santo Antonio da Arenilha*. Conta apenas um seculo e edificou-a o *marquez de Pombal*.

Não te parece uma povoação encantada a surgir das ondas, toda vestida de branco? Abeira-se da margem e até parece espreitar-nos alegremente. Vamos: comprimenta-a, saúda-a e pede-lhe a hospitalidade, que ella não saberá recusar-t'a.

Chegámos á boia.

Saltemos para aquelle hotesito; e vamos almoçar.

Depois, logo, irei mostrar-te as suas fabricas, coisa unica digna da tua attenção de curioso, de *touriste* e de *reporter*; e á noite, n'um medonho barracão que se avista d'aqui, passarás duas horas deante da exhibição de mulheres semi-nuas que o *Dallot* transformou em fonte de receita.

LORJÓ TAVARES.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



VISCONDE DE SISTELLO

(Manuel Antonio Gonçalves Roque)